



Eixo: Classes sociais, geração e Serviço Social
Sub-eixo: Juventude

CONTRIBUIÇÕES DE LUKACS PARA PENSAR A JUVENTUDE

HINGRIDY FASSARELLA CALIARI¹

Resumo: O objetivo deste artigo é relacionar o movimento descrito por Lukacs como *decadência ideológica* ao arcabouço teórico que sustenta a Sociologia da Juventude. Com isso afirmar que as bases da sociologia da juventude contribuem para a disseminação de conceitos pautados por expressões da questão social atribuídas aos jovens e não por sua configuração como ser social. Como resultado desses apontamentos: a contribuição para pensar criticamente as bases da sociologia da juventude, trilhando passos iniciais para o resgate do sentido ontológico do Ser Social *Jovem*.

Palavras-chave: Sociologia da Juventude; Juventude; Ser Social Jovem.

Resumen: El objetivo de este artículo es relacionar el movimiento descrito por Lukacs como *decadencia ideológica* al marco teórico que sostiene la Sociología de la Juventud. Con ello afirmar que las bases de la sociología de la juventud contribuyen a la diseminación de conceptos de juventud pautados por expresiones de la cuestión social atribuidas a los sujetos y no por su configuración como ser social. Como resultado de esos apuntes: la contribución para pensar críticamente las bases de la sociología de la juventud, trillando pasos iniciales para el rescate del sentido ontológico del Ser Social Joven.

Palabras clave: Sociología de la Juventud; la juventud; Ser Social Joven.

1 INTRODUÇÃO

“[...] qualquer leitor sereno de Marx não pode deixar de notar que todos os seus enunciados concretos, se interpretados corretamente [...], são entendidos - em última instância - como enunciados diretos sobre *um certo tipo de ser*, ou seja, são afirmações ontológicas”.

Lukács, *Ontologia do ser social*, 1979.

“Assim como os economistas são os representantes científicos da classe burguesa, assim também os socialistas e os comunistas são os teóricos da classe proletária (...) a ciência produzida pelo movimento histórico e se associando a ele em pleno conhecimento de causa, deixou de ser doutrinária, ela se tornou revolucionária.”

Marx, *Miséria da filosofia*, 1948.

Esse artigo é fruto do trabalho no entorno da elaboração de tese doutoral tendo como objeto de estudo a Sociologia da Juventude a partir da contribuição do materialismo histórico e dialético. É, portanto, um texto de caráter mais questionador e introdutório que teve em Lukacs a orientação para o seu desenvolvimento. Através dele muitas questões me foram colocadas,

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: <hingridyfassarella@gmail.com>

incentivando o desbravamento e contribuindo para desenhar o caminho teórico-metodológico da tese.

O tema juventude tem, durante tempos e tempos, reunido pesquisadores de diferentes áreas, entre eles os assistentes sociais. Os diversos pesquisadores se colocam na busca por entender as questões que estão próximas a esses sujeitos, ou seja, estudando aspectos ligados a questão social, a questões biológicas, psicológicas, culturais e econômicas, mas os sujeitos em si, ainda foram pouco explorados. Esse movimento, que deu origem a sociologia da juventude, teve início no princípio do século XX, especialmente com a contribuição dos autores da escola de Chicago, do estrutural funcionalismo, do interacionismo simbólico e da sociologia do conhecimento, Parsons (1967), Mannheim (1967), Eisenstadt (1967). marcado por uma visão conservadora e, muitas vezes até preconceituosa, de sociedade e dos problemas que nasciam decorrentes da exploração entre classes, ou seja a questão social, juntamente da urbanização e do avanço do capitalismo no mundo.

Há uma ligação lógica entre o aumento de problemas urbanos vinculados à juventude, datados do princípio da urbanização, e as respostas acadêmicas e públicas dadas a eles. Ou seja a influência do pragmatismo e do behaviorismo no princípio da sociologia da juventude é evidente. É como se ocorresse um movimento inverso na ciência: ao invés dos jovens serem estudados por si em um movimento histórico articulado na sociedade de complexos, eles foram estudados a partir dos problemas da urbanização que lhes eram atribuídos, ou seja como as causas dos 'desajustes sociais'. O fato agravante é que a reinversão ainda não aconteceu e os estudos dentro da sociologia da juventude ainda são pautados por suas bases teóricas.

O presente texto foi elaborado, portanto, pretendendo correlacionar esse arcabouço teórico que sustenta a Sociologia da Juventude ao movimento descrito por Lukacs como *decadência ideológica*, caracterizado por alguns setores das ciências sociais, da filosofia e da economia que se comprometeram irrestritamente com o desenvolvimento do sistema capitalista em expansão.

Portanto as inquietações teórico/metodológicas originadas dos estudos estão em parte traduzidas aqui como o princípio de um debate que está organizado da seguinte forma: 2) AS CONTRIBUIÇÕES DE LUKACS PARA PENSAR A SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE; 3) A SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE; 4) CONSIDERAÇÕES FINAIS.

2 AS CONTRIBUIÇÕES DE LUKACS PARA PENSAR A SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

"Antes de tudo, vida cotidiana, ciência e religião (teologia incluída) de uma época formam um complexo interdependente, sem dúvida, frequentemente contraditório, cuja unidade muitas vezes permanece inconsciente" (LUKACS, 2012)

Toda a teoria desenvolvida no campo das humanidades, independente do objeto de estudo, em seu bojo carrega uma ideia de *ser*. Esse fato é tão consolidado no campo científico que, segundo Lukacs, esteve durante anos dado como superado e, portanto, não mais discutido. Assim, ele toma para si a difícil tarefa de resgatar o debate ontológico e analisá-lo a luz da teoria crítica, tendo em vista o seu interesse em discutir a ética e sua impossibilidade de o fazê-lo sem antes aprofundar questões referente ao *ser*. Como afirma José Paulo Netto (2012, p. 16) "Ao avançar para a construção da sua ética, Lukacs foi levado a reconhecer que haveria de fundá-la expressamente na especificidade do ser social", o que deu origem aos seus trabalhos sobre a Estética e a Ontologia do Ser Social I e II e os Prolegômenos. Com esse percurso, a própria ética não chegou a ser escrita.

A partir desse percurso investigativo, Lukacs nos brinda com a possibilidade do debate ontológico, que será a base do que mais tarde chamará de decadência ideológica para explicar o movimento que aconteceu com as ciências e filosofia. A decadência ideológica será aqui o chão para a análise da sociologia da juventude que tem início no princípio do século XX. Assim, nas próximas linhas, assumo todos os riscos que são próprios de quem tenta tratar brevemente profundas questões, mas ao mesmo tempo as torna urgente ao debate entre os pares. Para reduzir o dano dado à brevidade, tento perpassar pelo debate ontológico somente até chegar ao movimento da decadência ideológica, por volta do fim do século XIX e início do século XX, assim deixo o

debate próprio da ontologia do ser social para outro momento, mais oportuno, que garanta a profundidade necessária.

O debate ontológico por Lukacs (2012, p. 32) parte da contribuição de filósofos da antiguidade chegando a contemporaneidade: "A antiguidade grega, em que não havia poder sacerdotal nem teologia dogmática obrigatória, pôde, como consequência, tornar-se o reino clássico da gênese da ontologia". Com a ausência de conflitos teológicos, a filosofia se desenvolveu enormemente, com Platão nasce uma Ontologia de leitura dualista que vai permear a teologia até hoje. O dualismo Ontológico foi objetivado através de: 1) mundo dos homens e do 2) mundo transcendental. Ou seja, a Ontologia bimundal se pautava na existência de um mundo real em que se viviam as incertezas, os erros e a busca por uma vida de virtudes e um mundo ideal e transcendental que influi no mundo dos homens e é exemplo para as ações concretas.

Essa ideia ontológica bimundal vai permear também a filosofia de Aristóteles apesar de apresentar elementos de caráter terrenal na ética, estética, doutrina do Estado e Sociedade e filosofia da natureza. É somente com Epicuro (271 ou 270 a.C., Atenas) que essa lógica evolutiva se rompe

O materialismo inescrupulosamente crítico destrói toda ontologia de dois mundos [...] O cosmo natural se defronta com as aspirações humanas enquanto uma autolegalidade não teleológica, completamente indiferente, e o ser humano pode e deve resolver suas questões vitais exclusivamente na imanência de sua existência física. (LUKACS, 2012, p. 34.).

Conforme Lukacs (2012), apesar da importância das ideias de Epicuro, de fortalecer um entendimento Ontológico materialista, elas não tiveram efeito duradouro, foram julgadas como hedonismo vulgar, já que tiveram evidência em momento de domínio fervoroso da religião em ascensão. A religião começa a influenciar e a limitar as reflexões filosóficas, tomando para si, aos poucos, o debate da Ontologia, muito caro para quem propõe um entendimento moral das relações sociais e dos seres humanos, baseado no controle sobre suas vidas a partir da transcendência dividida.

Esse movimento de controle dos debates filosóficos foi registrado pela história através da inquisição e da penalidade a todo e qualquer que se julgasse apto a

discutir um assunto indiscutível, como a origem do ser². Por esse motivo vários pensadores foram mortos e houve um suposto consenso entre a filosofia, as ciências e a teologia, e nesse consenso foi preservada a ontologia dos dois mundos, tornando-a quase que impenetrável, dogmática, dando abertura para o desenvolvimento da Ontologia Religiosa. Conforme Lukacs (2012), a Ontologia religiosa foi integrada numa espécie de sistema dominante, é como se a doutrina da dupla verdade fornecesse uma espécie de refúgio intelectual para a ciência. Com Copérnico, Kepler e Galileu houve, a partir da ciência, uma explosão de conflito que inaugurava a derrubada do geocentrismo de mundo. No entanto a Igreja recorreu novamente a sua Ontologia dos dois mundos para não renunciar a suas verdades.

A gênese do cristianismo se dá na época da dissolução da cultura antiga, e compôs uma autentica Ontologia Religiosa, em que a parúsia³ representava o fim da realidade até então existente. O fato é que a volta de cristo não se deu e o cristianismo continua se reinventando e sofrendo adaptações teológicas que sustentam as necessidades históricas (LUKACS, 2012).

Como reforço ao movimento ampliado da Igreja, Berkeley e Kant conferiram fundamentação teórico-gnosiológica à Ontologia Religiosa, ou seja, devolveram ao religioso o 'direito' de determinar a ontologia ao afirmar não ser possível atribuir significado ontológico aos nossos conhecimentos do mundo material. Esse movimento⁴ da filosofia afeta as ciências da humanidade e "esse afastamento da vida da sociedade, próprio da pseudociência eclética, transforma cada vez mais as afirmações da ciência em frases vazias."(LUKACS, 2012, p. 54)

As correntes da filosofia burguesa, até então ainda envolta a um quê revolucionário, mantiveram-se sem questionar a Ontologia Religiosa, e até a reforçaram a partir de uma espécie de orientação 'antiontologica'. Na

² Esse fato é relatado pela historia por diversos historiadores como Hobsbawm na era das Revoluções e também por literários como no romance do historiador italiano Carlo Ginzburg, O queijo e os vermes.

³ Segunda aparição de Jesus Cristo (LUKACS, 2012).

⁴ Para ter compreensão da história da ideologia burguesa do século XIX e como ela desembocou na decadência ideologia consultar LUKACS, Gyorgy. *Marxismo e Teoria da Literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

passagem do século XIX para o século XX, o radicalismo de Schleiermacher é acolhido pela filosofia, negando que as doutrinas de uma religião real pudessem contradizer a física ou a psicologia. Bem antes dele Hegel já havia compreendido o movimento das religiões, no entanto essa percepção não chegou a ser preponderante na filosofia e seu fim marca a "preparação ideológica da Alemanha para a revolução de 1848" e o fim da "última grande filosofia da sociedade burguesa". (LUKACS, 2012, p. 51).

A religião, a ciência e a filosofia permaneceram nesse suposto pacto antiontológico que com a revolução de 1848 ganha outros contornos. A tendência, portanto, da filosofia foi o afastamento das questões ontológicas. Juntamente com esse movimento, há na virada do século XIX para o XX o advento de um novo gênero de positivismo. As ciências sociais que se colocavam como em uma perspectiva de crítica da sociedade antiga, após a revolução de 1848 começam a dar suporte a sociedade burguesa nascente.

Como historiador e crítico da economia clássica, Marx descobriu e escreveu, pela primeira vez a história dessa decomposição. A caracterização sumária dessa decomposição, feita por Marx no que diz respeito ao período 1820-1830, torna-se ao mesmo tempo uma exposição e uma crítica rica e multilateral da *decadência ideológica* da burguesia. Esta tem início quando a burguesia já domina o poder político e a luta de classes entre ela e proletariado se coloca no centro do cenário histórico. (LUKACS, 2010, p. 51, *grifo nosso*)

A tendência geral dessa época, fim do século XIX e início do século XX, foi a eliminação definitiva de todos os critérios objetivos de verdade, substituindo-os por procedimentos que permitem manipulação ilimitada dos fatos concretos, o que influenciou diretamente o conhecimento científico. Esse foi o princípio do período que Lukacs chamou de *decadência Ideológica* (LUKACS, 2010).

Essa liquidação de todas as tentativas anteriormente realizadas pelos mais notáveis ideólogos burgueses no sentido de compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade, sem temor das contradições que pudessem ser esclarecidas; essa fuga numa pseudo história construída a bel prazer interpretada superficialmente, deformada em sentido subjetivista e místico, é a tendência geral da *decadência ideológica*. (LUKACS, 2010, p. 53, *grifo nosso*)

A *decadência ideológica* é, portanto, a marca de um período em que os teóricos que outrora se empenhavam em entender profundamente as contradições presentes na realidade concreta, mesmo sendo teóricos

burgueses, passam a se rarear e assumir entendimentos cada vez mais míticos, vazios de conteúdo crítico, manipuladores e menos sérios. Um exemplo dado por Lukacs (2010, p. 56) foi o que ocorreu com a economia, “A economia se limita, cada vez mais, a mera reprodução dos fenômenos superficiais. O processo espontâneo da decadência científica opera em estreito contato com a apologia consciente e venal da economia capitalista.”

Vale ressaltar que a decadência Ideológica não é um movimento geral, mas em muitos casos se caracterizou por ser hegemônico. Ela se localiza no tempo/espaço de elaborar uma ciência capaz de dar suporte as ideias capitalistas, assim como afirma Lara (2013) “Ou seja, entre a herança teórico cultural emancipadora e a manutenção da ordem, a burguesia opta pelo segundo, dando origem ao “pensamento da ordem”, berço perfeito para o nascimento das ciências sociais especializadas.”(LARA, p. 93, 2013).

Segundo Lukacs (2012, p. 47) após manobra burguesa que acarretou a derrota dos trabalhadores na revolução de 1848, e a inauguração do sistema burguês capitalista a sociologia ocidental seguiu a linha de uma teoria geral de manipulação social consciente das massas, o que de forma objetiva, contribuía também para a consolidação do sistema capitalista e um suposto enterro da objetividade da verdade nas ciências sociais. "Se a ciência não se orienta para o conhecimento mais adequado possível da realidade existente em si então sua atividade se reduz , em ultima análise, a sustentar a práxis no sentido imediato."

Foi partindo desse entendimento de sustentar a práxis no sentido imediato que Karl Mannheim tentou desenvolver um método para as ciências sociais. Na nova ciência ele considerava o pragmatismo, o behaviorismo e a psicologia profunda e também chamou atenção para a afinidade entre o behaviorismo e a práxis fascista.

É digno de nota que Mannheim, em busca de uma força no mundo democrático, que se contrapusesse à influencia fascista sobre as massas, tenha chamado a atenção para a afinidade metodológica entre as teorias behavioristas e a práxis fascista. Com toda a razão ele protesta contra a identificação simplista de ambas, mas com tal indicação aponta a continuidade socioeconômica de determinados problemas centrais da vida social, sobretudo a generalidade da

manipulação como tólos [alvo] da metodologia científica. Há tempos a *manipulação* deixou para trás o estágio das experiências e postulados, *hoje ela exerce seu domínio sobre toda a vida, da práxis econômica e política à ciência.* (LUKACS, 2012, p. 46, grifo nosso)

Portanto, segundo Lukacs (2012, p. 47), emerge nas últimas décadas do século XIX uma confiança na possibilidade de manipulação das massas e Karl Mannheim a partir de uma tentativa de neutralidade das ciências sociais e uma aparente busca por resolução de problemas sociológicos, reafirma isso com seu percurso teórico, além de ressaltar que "influentes tendências filosóficas (pragmatismo, behaviorismo) cumpriram um papel importante, senão o principal, nesse processo." Tendo esse movimento em vista, Mannheim ressalta sua intenção em promover um conglomerado de ideias e de áreas de pensamento que buscassem contribuir com o debate sobre as gerações.

A multiplicidade de pontos de vista, resultante tanto das peculiaridades das tradições intelectuais de várias nações como daquelas das ciências individuais, é não só atraente mas fecunda; e não existem dúvidas de que um problema vasto como esse somente *pode ser solucionado através da cooperação entre as mais diversas disciplinas e nacionalidades.*[...].(MANNHEIM, 1952, p. 68, grifo nosso)

Buscando realizar debate que tenha como princípio a produção de conhecimento mais adequado possível da realidade, de caráter transformador e não manipulatório, que coloque em evidência a sociologia da juventude, em especial os estudos de Karl Mannheim, tendo em vista que

se a ciência não se orienta para o conhecimento mais adequado possível da realidade existente em si, se ela não se esforça para descobrir com seus métodos cada vez mais aperfeiçoados essas novas verdades, que necessariamente são fundadas também em termos ontológicos e que aprofundam e multiplicam os conhecimentos ontológicos, então sua atividade se reduz, em última análise, a sustentar a práxis no sentido imediato. Se a ciência não pode ou conscientemente não deseja ir além desse nível, então sua atividade transforma-se numa manipulação dos fatos que interessam aos homens na prática. (LUKACS, 2012, p. 47)

Esse debate, de manipulação das ciências, é tão atual e necessário que se reflete na busca pela compreensão também da questão social e do bolo de expressões e problemas que emergem dela e tem, muitas vezes, no sujeito humano a causa, localizada para essas teorias manipuladas numa espécie de essência desse sujeito humano. Desbancar a ideia de essência do sujeito e também a Ontologia Religiosa ainda reinante nessas teorias pregadas à

decadência Ideológica, permite superar afirmações geracionais, conservadoras, racistas, classistas e também homofóbicas que tem se perpetuado e encontrado solo fértil na contemporaneidade. Não pretendo nem de longe nessas poucas linhas encerrar o debate, mas tão somente introduzi-lo como forma de diálogo.

3 SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

A sociologia da juventude, esboçada na primeira metade do século XX, na Europa e EUA desenvolveu a partir de diferentes influências teóricas, como o estrutural-funcionalismo, o pragmatismo e o interacionismo simbólico, discursos sociológicos que sustentaram a criação de um campo de estudo, que foi sendo ampliado. No entanto esse aumento de questões e de pesquisas relacionadas à juventude, não contribuiu para superação das bases estruturantes conservadoras que deram origem a esse campo e são portanto, ainda fontes de referências.

Os primeiros estudos referentes ao desenvolvimento humano das idades, mais sistematizados, datam, como ditam anteriormente, do início do século XX⁵ e carregam a importância de terem questionado e percebido que entre o nascimento e a idade adulta algo precisava ser compreendido no ser humano. No entanto há que se ressaltar que esse momento estava envolto de grandes transformações socioeconômicas que afetaram sobremaneira as ciências e a filosofia, marcado pela expansão do sistema capitalista e a ampliação desmedida da urbanização.

Esse movimento, chamado por Lukacs de decadência ideologia, toma a liberdade de afirmar que, acabou por influenciar os estudos que se propuseram a pautar o desenvolvimento humanosocial e as idades, tornando as idade um

⁵ Philippe Ariès (1914-1984), defensor da monarquia e participante de movimentos contra-revolucionários na França como o Action Française, foi também escritor da revista monarquista La Nation Française, escreveu a primeira grande obra sobre a Infância ainda muito citada atualmente, História Social da Criança e da Família.

dado manipulável, como afirma anos mais tarde Bourdieu⁶ (1983) no texto intitulado: A juventude é apenas uma palavra. Seguindo esse ritmo, a escola de Chicago (1920 a 1940) apontava para conclusões sobre os problemas vivenciados pelos jovens urbanos, como anomia e desvio social.

No início da década de 1920, Parsons já aposta no caráter de ordem estrutural para compreender o fenômeno que se apresenta cada vez mais complexo: os jovens urbanos. Essa abordagem refere-se à emergência da adolescência nas sociedades urbanas ocidentais, de classe média. Com estes estudos se viabilizou a padronização de comportamentos que mais tarde deu origem a criação do conceito de "cultura juvenil", expresso nas suas formas de interação com outras gerações. (TAVARES, 2012)

Para compreender mais a fundo o que Parsons diz sobre o jovem e os problemas estruturais (como o desemprego) e como ele chega a soluções pontuais, acríicas e sem análises profundas (como qualificação), é necessário ter como ponto de partida o entendimento de que a juventude para ele é uma *'fase da vida'*. Nos levando a compreensão de *'continuidade'* e *'descontinuidade'* dos valores e normas das gerações, que tem como quadro teórico dominante as teorias da socialização⁷ e das gerações⁸ (PAIS, 2003).

Parsons (1968), em suas pesquisas⁹, reforça um entendimento de autonomia, responsabilização e individualização das escolhas das crianças, principalmente em relação ao estudo e ao trabalho (por universidade ou mercado de trabalho) dizendo que as escolhas ainda estão pra acontecer quando os sujeitos

⁶ Pierre Bourdieu (1930-2002) sociólogo francês que desenvolveu ampla teoria e contribuiu com o campo de estudo da juventude, entre outras questões, com um breve texto intitulado "A juventude é apenas uma palavra"

⁷ Desenvolvida pelo estrutural-funcionalismo.

⁸ Elaborada por Karl Mannheim mas apropriada por diversos autores da sociologia da juventude.

⁹ Ao interpretar os dados de uma pesquisa realizada com 3.348 meninos de uma escola secundária de Boston, Parsons (1968, p. 50) explica que "a variação das intenções de ingressar numa universidade era de 29% para filhos de trabalhadores a 89% para filhos de burocratas de nível superior" e que esse dado "não é simplesmente um meio de afirmar um status de origem previamente determinado." mas reforça que "o menino de status elevado e possuidor de grande habilidade tem muitas possibilidades de ingressar na universidade, ao passo que o menino de status inferior e pouca habilidade não apresenta as mesmas habilidades".

adentram a escola, como se tivessem oportunidades equivalentes. Ainda apresenta uma visão determinista sobre sexualidade.

Da família [o jovem] recebeu algumas das bases de seu sistema de motivação. Mas a única característica fundamental das funções que desempenhará mais tarde, que foi claramente determinada e psicologicamente imprimida naquela ocasião é a função do sexo [...] O processo de seleção, pelo qual as pessoas selecionarão e serão selecionadas, por categorias de funções está ainda para acontecer. (PARSONS, 1968, p. 51)

A família e a escola, se localizam em espaços privilegiados, especiais na socialização dos sujeitos. chegando a fazer comparação entre o papel da mãe na família e da professora na classe (que para ele deve ser incentivada a ser mulher) mesmo que com objetivos distintos a professora segue, na escola, a orientação que a mãe da, em casa, aos filhos, afirma Parsons (1968). Sua teoria conservadora influenciou diversos pesquisadores, como Eisenstadt, que interessado em problemas intergeracionais, discutiu-o em seu trabalho mais conhecido (De geração a geração, de 1976). A juventude, para Eisenstadt, surge como um grupo social específico quando não há um perfeito ajustamento entre as regras sociais articuladas no interior da família. (TAVARES, 2012)

Eisenstadt (1968, p. 14) criou certa tipologia dos grupos juvenis para interpretá-los e afirma que apesar de apresentarem questões semelhantes "a magnitude da organização e especialmente os valores desses grupos variam sobremaneira de acordo com a classe e a composição étnica do grupo." Ainda afirmando esse pensamento de que os jovens possuem certa homogeneidade ao se organizarem, Eisenstadt (1968, p. 15) diz que "Embora a estrutura funcional do grupo e os valores de diversos jovens das classes altas e medias variem de um lugar para outro, e de um país para outro, ainda assim os seus principais valores e diretrizes parecem assemelhar-se". Existem semelhanças entre os valores dos jovens e grupos de jovens, e nisso o autor concorda com Parsons afirmando a existência de uma *cultura juvenil*.

Já Karl Mannheim (1968, p. 71) a juventude assume diferentes significados a depender da sociedade. "Há sociedades em que pessoas mais velhas desfrutam prestígio bem maior que as mais moças, como, por exemplo, na antiga China. Há outras em que, como nos Estados Unidos da América, depois

dos 40 anos muitas vezes um homem é considerado velho demais para um emprego e só os moços interessam." E, em contrapartida aos estudos do estrutural funcionalismo, reconhece o princípio renovador e transformador da juventude, que será mais tarde chamado de moratória social da juventude.

[...] a prenda mais importante da mocidade para ajudar a sociedade a dar nova saída é que, além de seu *maior espírito de aventura*, ela ainda não está completamente enredada no *status quo* da ordem social.[...] está provado que nas sociedades primitivas se desconhecem os conflitos mentais de nossa juventude, pois não há uma separação radical das normas ensinadas pela família e as que predominam no mundo dos adultos.[...] o fato relevante é que a juventude chega aos conflitos de nossa sociedade moderna vinda de fora. e é este fato que faz da juventude o pioneiro predestinado de qualquer mudança da sociedade. (MANNHEIM, 1968, p. 73)

Esse dito 'maior espírito de aventura' foi interpretado mais tarde como o princípio da noção de *moratória* que começou a ser desenvolvida por Mannheim, apesar dele não ter dado este nome. Sobre a moratória, juntamente com o conceito de geração, Groppo afirma ser

primeiro rebento do que chamo de teorias críticas sobre juventude. O traço crítico dessas teorias que abordam a geração e a moratória reside no fato de que tendem a reconhecer o papel das juventudes na transformação social e atribuem um sentido positivo a este papel. Como se verá, libertam-se pouco da concepção 'naturalista' de juventude. (GROPPO, 2017, p. 53, grifo nosso)

No entanto, apesar da consideração crítica referente ao esforço de Mannheim e o princípio da moratória social, a que se referir à teoria que foi desenvolvida pelo autor de forma integral e não pontual. A própria teoria das gerações, de Karl Mannheim, que engloba o sentido dado à moratória, faz referência a um conceito de classe social, que para ele tem um sentido amplo, mas apresenta caráter determinista, e faz referência a status e não à configuração do sistema produtivo de classes sociais em disputa e da própria exploração, reforçando um sentido meritocrático e individualista para superação do status/classe que não convier, como pode ser verificado a seguir.

Embora os membros de uma geração estejam indubitavelmente vinculados de certos modos, esses vínculos não resultam em um grupo concreto. Como, então, podemos definir e compreender a natureza da geração enquanto um fenômeno social? Uma resposta talvez possa ser encontrada se refletirmos sobre o caráter de um tipo diferente de categoria social, materialmente bastante distinta da geração, mas apresentando certa semelhança

estrutural- a saber, a posição de classe (Klassenlage) de um indivíduo na sociedade.

Em seu sentido mais amplo, a posição de classe pode ser definida como 'situação' (Lagerung) comum que certos indivíduos suportam como a sua 'sina' na estrutura econômica e de poder de uma determinada sociedade. [...]

É possível abandonar a própria posição de classe através da ascensão ou da queda, individual ou coletiva, na escala social, independentemente por enquanto disto se dever ao mérito ou esforço pessoal, transformação social ou mero acaso. "(MANNHEIM, 1952, p.70)

No conceito de geração desenvolvido por Mannheim são fundantes as determinações biológicas, da idade, mas elas precisam ser inter-relacionadas com questões geográficas de moradia e convívio, associadas a classe/status.

A situação da geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana - os fatores de vida e morte, um período limitado de vida, e o envelhecimento. Os indivíduos que pertencem à mesma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social. (MANNHEIM, 1952, p.71)

Portanto, para Karl Mannheim como afirma a professora Weller (2007) o determinante na teoria das gerações é que os sujeitos que compartilham um mesmo momento histórico, com idade parecida e condição social/cultural semelhante acabam por processarem os acontecimentos e experiências de forma também semelhante. Isso nos leva a ressaltar o determinismo na análise pragmático/biológica/naturalista de Karl Mannheim que aparece em diversos outros momentos do seu texto.

O que fato de pertencer a mesma classe e o de pertencer a mesma geração ou grupo etário têm em comum é que ambos proporcionam aos indivíduos participantes uma situação comum no processo histórico e social e, portanto, os restringe a uma gama de experiências e a um tipo característico de ação historicamente relevante. (MANNHEIM, 1952, p. 72)

Sobre a Sociologia da Juventude e de certa forma, a apreensão da decadência Ideológica, apesar de não usar esse termo, Ianni (1968) já alertava que é preciso ter cautela nessas leituras por que muitos autores se perdem no caminho, "em consequência da *falsa compreensão das relações entre as ciências sociais*, os especialistas procuram interpretações 'rigorosas', isto é, circunscritas, parciais, voltadas para condições, fatores ou mecanismos psíquicos, sociais, pedagógicos ou outros" (IANNI, 1968, p. 227, *grifo nosso*).

O exame de algumas focalizações - como Freud, Mannheim e Eisenstadt, por exemplo - tem por fim primordial somente ressaltar a natureza essencial de um fenômeno singular, cuja inteligibilidade completa depende de uma compreensão histórico-estrutural da sociedade. (IANNI, 1968, p. 226)

Para exemplificar isso, Ianni (1968, p. 228) fala de Eisenstadt e como sua teoria busca interpretar o jovem como um sujeito que está num período de desajustamento social, localizando a leitura apenas de manifestações exteriores de algo que é mais profundo e que a interpretação deve alcançar. O pensamento psicológico, privado, sobre a adolescência em Freud dá origem à teoria de Mannheim, e portanto, a sociologia da adolescência. Segundo Freud "da puberdade em diante o indivíduo se devota a grande tarefa de libertar-se dos progenitores. E somente depois dessa separação ele deixa de ser uma criança, tornando-se um membro da comunidade" (Freud, 1952, apud IANNI, 1968, p. 229).

Utilizando o pressuposto teórico de Freud, Mannheim afirma que "O significado sociológico do deslocamento e da transferência (da libido) é muito importante, na medida que o deslocamento de motivos privados, de objetivos familiares, para objetivos públicos, constituem a forma normal, de desenvolvimento do indivíduo." (apud IANNI, 1968, p. 230).

A socióloga brasileira, Marialice Foracchi (1972, p. 22), correlaciona fatores biológicos e sociais, com o entendimento de gerações por Karl Mannheim e Parsons para concluir que "a continuidade das gerações é fundamental para assegurar a criação cultural e a transmissão da cultura" ressaltando que "o conceito sociológico de geração não se baseia exclusivamente na definição social da idade, mas encontra no conflito, a sua categoria constitutiva". Segundo Augusto (2005), Foracchi explora duas formas de relações interpessoais: primeiro a família, entendida como grupo social que sustenta a relação de manutenção da vida, que envolve a categorização do jovem e do adulto e do outro lado está o contato entre gerações, embasado na perspectiva manheimiana (AUGUSTO, 2005).

Portanto, a sociologia da juventude e os estudos fundantes, especialmente os realizados pelo sociólogo e filósofo húngaro Karl Mannheim (1893-1947), pelo

sociólogo estadunidense Talcott Parsons (1902-1979), e pelo sociólogo israelense Shmuel Eisenstadt (1923-2010), que continuam sendo fontes de referências na atualidade. Vale ressaltar que a sociologia da juventude brasileira também se pauta pelas produções desses autores como no caso de Marialice Foracchi (1972) e do Luis Antonio Groppo (2017) que criticam mas se apropriam delas, ao contrário de Ianni (1968). Fato que reforça a necessidade de crítica ao arcabouço teórico que envolve o campo da juventude e a necessária ampliação do debate a partir de uma perspectiva realmente dialética e emancipadora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Tendo como referência a Sociologia da Juventude, especificamente, as produções do estrutural funcionalismo e da teoria das gerações, que são fundantes no surgimento da Sociologia da Juventude, tratamos de compreendê-la a luz da teoria crítica de Lukacs, especialmente do que ele chamou de decadência Ideológica e registrar algumas considerações gerais:

- A Juventude está sendo tipologizada social e biologicamente, seja num entendimento limitado a um sujeito finito em termos sociais e culturais;
- A Juventude está sendo caracterizada e problematizada retirando-a do contexto geral que a envolve, como se fosse um sujeito à parte do restante da sociedade e da história;
- Os conceitos de Juventude são apresentados de forma ahistórica e apolítica sem considerar que existem limites de certas abordagens ao que impõe o sistema capitalista;
- O conceito de cultura juvenil ou culturas juvenis acaba por criar interpretações generalizantes e mitos classistas (ligados somente ao consumo);
- Há desvinculação da juventude e da problemática que a envolve da Questão Social, entendida enquanto expressão concreta das

contradições que nascem no sistema capitalista a partir dos embates entre as classes sociais;

- As teorias econômicas e sociais, que emergentes no capitalismo, no princípio do século XX marcadas pela chamada decadência ideológica dão suporte a as teorias fundantes da sociologia da juventude.

Essa última consideração reforça todas as demais, visto que a base teórica hegemônica utilizada como aparato para entender as questões que envolvem a juventude é restrita conceitualmente, limitada a um tempo histórico específico e marcada pela manipulação de dados e teoria. Em alguns momentos essa base teórica é encoberta de um criticismo superficial que se desmancha ao ser aprofundado.

Portanto, entender a problemática da sociologia da como um fim em si mesmo, é se apoiar em uma base material teórica cômoda, envelhecida, conservadora e burguesa no seu pior sentido, aquele pregado à decadência ideológica. É notável que nesse campo de estudo da juventude, que se apresenta como uma especialização dentro da sociologia, há a desconsideração, a liquidação do materialismo e da dialética, expressando certa 'fuga' da realidade concreta, das contradições e das possibilidades de emancipação humana. Localizando as problemáticas dentro de limites estruturais e inviabilizando a possibilidade de entender o sujeito enquanto *Ser Social Jovem*. O que vemos é a luta de classes dando lugar a criação de misticismos vulgares e insípidos, deslocados e mascarados de proposições aparentemente críticas e plurais.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Maria Helena Olivia. Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo Social**, São Paulo, v.7, n. 2, nov. 2005.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112/121.

EISENSTADT, S. N. Grupos Informais e Organizações Juvenis nas sociedades modernas. In: _____. **Sociologia da Juventude IV**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

GROPPO, Luis Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

IANNI, Octavio. O jovem radical. In: BRITO, S. (Org.) **Sociologia da Juventude**, 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. p. 225-242.

LARA, Ricardo. Notas lukacsianas sobre a decadência ideológica da burguesia. **R. Katál., Florianópolis**, v. 16, n. 1, p. 91-100, jan./jun. 2013.

LUKACS, Gyorgy. **Marxismo e Teoria da Literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKACS, Gyorgy. **Para uma ontologia do Ser Social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MANNHEIM, Karl. O Problema da Juventude na Sociedade Moderna. In: **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: _____. **O Problema da sociologia do Conhecimento**. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1952.

NETTO, José Paulo. Apresentação. In: LUKACS, Gyorgy. **Para Ontologia do Ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Editora Casa da Moeda, 2003.

PARSONS, T. A Classe como Sistema Social. In: **Sociologia da Juventude III**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

TAVARES, Breitner. Sociologia da Juventude: da Juventude desviante ao protagonista jovem, da UNESCO. **Soc. e Cult.**, Goiania, v. 15, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 2012.

WALLER, Wivian. **Karl Mannheim**: um pioneiro da sociologia da juventude.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/228652175_Karl_Mannheim_Um_pioneiro_da_sociologia_da_juventude. Acesso em: 10 jun, 2018.